

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
CURSO DE PSICOLOGIA ANALÍTICA**

AMANDA BONFIM DE ALCÂNTARA
amandabodeal@gmail.com

FEMININO E EROS: O DESPERTAR DA MULHER

CURITIBA

2018

AMANDA BONFIM DE ALCÂNTARA

amandabodeal@gmail.com

FEMININO E EROS: O DESPERTAR DA MULHER

Trabalho apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, Área de concentração: Psicologia, da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica.

Orientadora: Prof. Mr. Andrea de Alvarenga Lima

CURITIBA

2018

AMANDA BONFIM DE ALCÂNTARA

amandabodeal@gmail.com

FEMININO E EROS : O DESPERTAR DA MULHER

Trabalho apresentado Programa de Pós-Graduação em Psicologia Analítica, Área de concentração: Psicologia, da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia Analítica.

BANCA EXAMINADORA

Professor Mr. Juliano Maluf Amui

Professor Dr. Nélio Pereira da Silva

Professora Mr. Andrea de Alvarenga Lima

Curitiba, ____ de _____ de 2018.

RESUMO

O feminino está intimamente relacionado a Eros, o deus do amor, que pode ser entendido, em linguagem psicológica, como o princípio da relação. Por essa razão, é muito importante, para o desenvolvimento psíquico das mulheres, que relações consistentes sejam estabelecidas: consigo mesmas, com o meio e com os demais. Nesse sentido, a sexualidade tem um grande papel, uma vez que, além de promover o relacionamento (entre corpo e mente e entre dois indivíduos), pode funcionar como uma espécie de transformador com o potencial de emancipar e iniciar uma mulher em seu próprio crescimento psíquico. Esta iniciação, que costumava ocorrer de forma muito mais marcada nas sociedades ancestrais, através de rituais advindos do culto aos deuses pagãos, é hoje muito mais fluida e intrincada, exigindo novos meios de expressão. Com o objetivo de compreender a iniciação da mulher contemporânea, este trabalho desenvolve uma revisão de literatura da Psicologia Junguiana e Pós-Junguiana e, em seguida, a análise de um dos episódios da série de televisão “Desnude”, exibida pela emissora GNT em 2018. A série, em sua maior parte realizada por mulheres, conta, em episódios independentes, as aventuras e fantasias sexuais de mulheres de todos os tipos de realidade social, econômica e cultural.

Palavras-chave: Dionísio. Eros. Feminino. Iniciação. Mulher. Sexualidade.

ABSTRACT

The feminine is intimately related to Eros, the god of love, who can be translated, in a psychological language, as the principle of relationship. Therefore, is very important, to women's psychic development, that consistent relationships are set up: with oneself, with the environment and with the others. Thus, the sexuality has a big part, once, besides promoting the relationship (between body and mind and between two individuals), it can work as a transformer with the potential to emancipate and initiate a woman in her own psychological growth. This initiation, which used to happen in a much more delimited way in ancient societies, through the pagan gods cult, is nowadays very fluid and intricate, demanding new forms of expression. Intending to comprehend the modern woman initiation, this paper develops a Jungian and Post-Jungian Psychology literature revision followed by the analysis of an episode from the television series "Desnude", displayed by the channel GNT in 2018. The series, mostly made by women, tells, in independent episodes, the sexual adventures and fantasies of women from all kinds of social, economical and cultural contexts.

Key-words: Dionysus. Eros. Feminine. Initiation. Sexuality. Woman.

SUMÁRIO

| | | |
|---|------------------------------------|----|
| 1 | INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 | FEMININO E EROS..... | 9 |
| 3 | INICIAÇÃO E A PSIQUE | 16 |
| 4 | EROS E DIONÍSIO COMO CAMINHO | 22 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 26 |
| 6 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 28 |
| 7 | REFERÊNCIA FILMOGRÁFICA | 30 |

Introdução

Quando se fala sobre o feminino na psicologia junguiana, alguns indicadores aparecem com frequência: ele é tido como misterioso, complexo, até mesmo sombrio (JUNG, 2013a; NEUMANN, 2017; PERERA, 1985). Justamente por essas características, acaba por ser, muitas vezes, reprimido e subjugado, com a finalidade de promover a manutenção dos valores sociais, predominantemente masculinos (PERERA, 1985).

Entende-se, além disso, que o princípio regente do constructo social¹ é Logos (aquele ligado aos valores lógicos da masculinidade), enquanto que a primazia do feminino é Eros, premissa do relacionamento. Dessa forma, a mulher moderna garante sua adaptação ao meio, muitas vezes, às custas de sua própria natureza, construindo uma persona engessada que não lhe permite vivenciar o feminino profundo (JUNG, 2013a).

Tal cerceamento estende-se, também, à vivência da sexualidade, um grande tabu social, especialmente quando se refere à mulher. A ela é negado o direito de se assumir enquanto ser sexual ativo, atrofiando o desenvolvimento de sua psique erótica. Apesar disso, a discussão sobre a sexualidade feminina tem se tornado cada vez mais expressiva, revelando a necessidade de que seja revisitada e compreendida em seus fundamentos (GIDDENS, 1993).

As referidas discussões sobre o ser mulher no mundo têm apontado como a compreensão de sua sexualidade é ainda um tanto enigmática, e muito controversa (NOGUEIRA, 2001). Na convivência profissional (enquanto psicóloga clínica) e pessoal da autora com mulheres, muitas vezes foi possível notar uma mudança considerável de atitude e comportamento quando a mulher assumia para si mesma sua sexualidade, expressando-a e atuando-a com propriedade. Esses momentos nem sempre (ou melhor, poucas vezes) coincidiam com a primeira experiência sexual: eles aconteciam quando havia

¹ O construcionismo social é uma importante corrente que considera a sociedade e a cultura como construções humanas. Isso contraria o pensamento essencialista de que existe algo em si mesmo, defendendo que tudo passa por transformações de acordo com a época e condições em que acontece. Portanto, não existiria uma única configuração possível para que uma sociedade se desenvolva, mas uma construção humana desses valores. Dessa forma, nossa sociedade caracterizada pelos valores masculinos de Logos não é uma essência, mas uma construção (NOGUEIRA, 2001).

maturidade suficiente para conhecer e reconhecer a si mesma, para integrar à consciência e escolher vivenciar o próprio feminino.

Jung (2013b, parágrafo 216) ilustra bem esse momento:

(...) na mocinha, apesar de se ter iniciado a puberdade, a sexualidade continua dormitando até que a paixão amorosa a acorde. Há um número surpreendentemente grande de mulheres em que a verdadeira sexualidade, apesar do casamento, continua por longo tempo virginal e talvez só se torne consciente quando a mulher se enamora de outro homem que não o marido.

Temos assim que a sexualidade pode ser um importante caminho para a compreensão do feminino e o entendimento do funcionamento psíquico da mulher, bem como uma via para reconectá-la com seu erótico adormecido (GIDDENS, 1993). Sabemos que essa concepção tem ampla interface com discussões dentro do movimento feminista. O feminismo é um movimento que tem se expandido muito na última década (NOGUEIRA, 2001), porém, dada a sua complexidade sócio-histórica e teórica, ele não será admitido enquanto pauta deste estudo, por entender-se que sua multiplicidade demandaria uma abordagem exclusiva.

Com base nos argumentos aqui apresentados, o objetivo do presente trabalho é investigar o processo de ampliação de consciência da mulher através de Eros, com foco especial para a sexualidade. Em um primeiro momento, serão trabalhados os conceitos de feminino e masculino na perspectiva de Jung, relacionando o feminino a Eros (como um princípio de relação) e o masculino a Logos (como o princípio da lógica). Concomitantemente, discutiremos a adaptação social da mulher moderna, que pode vir a reprimir sua natureza feminina por viver em um meio regido por Logos.

Posteriormente, falaremos sobre os antigos ritos de passagem que aconteciam nas sociedades ancestrais, através dos cultos aos deuses pagãos. Veremos como tais rituais, antes responsáveis por permitir às mulheres entrar em contato consigo mesmas e promover o cultivo de suas almas, estão atualmente dissolvidos, tornando mais difícil o contato com o inconsciente e (como possível consequência) a ampliação da consciência.

Por fim, discutiremos, a partir da dissolução dos rituais milenares, de que forma é possível para a mulher de hoje reconectar-se a seu feminino perdido. Para isso, será feita a análise de um dos episódios da série de televisão

“Desnude”, exibida pelo canal pago GNT em 2018. A série trata da sexualidade feminina em episódios independentes, cada um contando a história de uma personagem diferente. Todas as histórias têm como protagonista a sexualidade.

1. Feminino e Eros

Jung (2013a) explicava o feminino, de forma simbólica, como o correspondente psíquico de Eros, o filho de Afrodite, deus do amor e relacionado ao sexo e à liberdade de espírito. Dessa perspectiva, o feminino se equipara ao afetivo, emocional, instintivo e profundo.

E o que seria Eros para a psique? Para compreendê-lo, Jung (1997) utilizou-se da ideia de “conceito intuitivo” (p. 234): aquele que não se pode entender objetivamente, porque não é possível acessar sua totalidade. Uma parcela da maneira como Eros, enquanto função psíquica, atua no ser humano, é observável em alguns padrões arquetípicos de funcionamento e comportamento. É a partir desses dados empíricos que se pode formular uma teoria acerca do que é Eros para a psique, sem, entretanto, se conceber uma definição fixa e exata, que não conseguiria absorver toda a sua complexa pluralidade.

Os “padrões arquetípicos” de que falamos dizem respeito às estruturas imaginárias da mente humana, são potenciais passados de forma transgeracional e comuns à toda humanidade, podendo ser encontrados desde tempos imemoriais em mitos, contos de fada, entre outros. A essas estruturas, pilares da psique, dá-se o nome de arquétipos. A ativação e manifestação comportamental dos arquétipos é, assim, chamada de padrão arquetípico (WHITMONT, 1969).

Existe uma variada gama de arquétipos, sendo Eros um deles. Enquanto arquétipo, falar de Eros não é, necessariamente, falar sobre o deus mitológico, mas, sim, sobre uma função psíquica. Considerando que Eros é o deus do amor, presume-se que sua função psíquica, isto é, o papel que ele desempenha na psique e a finalidade que possui, é a relação, em suas mais diversas formas:

Ele é o deus do Amor. Aqui o Amor é entendido de modo a incluir todo espectro da afeição emocional, da sexualidade e amizade ao envolvimento com profissão, hobbies e arte. Eros está trabalhando no Amor que homens têm por mulheres e mulheres por homens. Eros

também está presente em políticos cujo 'Amor' está na política, ou em matemáticos cuja paixão está na matemática, ou em amantes das flores que vivem para suas rosas. É mérito de Eros que deuses e deusas, deuses e mortais se juntem como amantes, que novos deuses e semideuses nasçam. Sem ele não haveria movimento entre os deuses; de fato sequer haveria deuses (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1998, p. 23).

Para entendermos propriamente a relevância de Eros para a psique, devemos também abordar outro padrão arquetípico de grande importância, que é Logos. Ao mesmo tempo em que define a natureza feminina como erótica (isto é, proveniente de Eros), Jung (1997; 2013a) compara o masculino a Logos, o princípio da lógica, que é, igualmente, um conceito intuitivo. Ele pode ser entendido como a razão, o raciocínio, o dom da palavra e do discurso. Em contrapartida, Eros é menos objetivo, representando a capacidade de analisar as coisas em conjunto e estabelecer entre elas uma conexão, o princípio do relacionamento. Não importa tanto, nesta perspectiva, os objetos e os julgamentos, mas o caráter subjetivo e as entrelinhas que formam o todo.

Com essa questão entramos no domínio da mulher. Sua psicologia baseia-se no princípio do Eros, aquele que une e separa, enquanto que desde tempos imemoriais se atribui ao homem o Logos como princípio máximo. Na linguagem moderna, poderíamos expressar o conceito de Eros como relação anímica e o de Logos como interesse material (JUNG, 2005, p. 34).

Enquanto função psíquica, Eros é o responsável por construir pontes, por tecer teias entre uma polaridade e outra, relacionando-as a fim de formar uma nova totalidade (JUNG, 1997; STEIN, 1999). Vulgarmente, costumamos chamar de erótico aquilo que está atrelado ao sexo, mas, psicologicamente, o erotismo (aquilo que pertence a Eros) é muito mais complexo e multifacetado (STEIN, 1999).

Eros, mais do que o desejo sexual, é o desejo em si, o querer eterno que está sempre a exigir algo de nós. Como explica Brandão (2014, p. 213): "(...) Eros é uma força, uma *ενέργεια* (enérgeias), uma "energia", perpetuamente insatisfeito e inquieto: uma *carência* sempre em busca de uma plenitude. Um *sujeito* em busca do *objeto*". Jung (1980) aponta para a "imprudência de querer apreender Eros, que nunca se deixa capturar numa grosseira terminologia sexual" (p. 26). Enquanto função psíquica, seu papel é conferir significado à vida, dotá-la de sentido e afeto, promover o cultivo da alma. Cultivar a alma significa

estar em contato com o inconsciente, colocá-lo em relação com a consciência e buscar a integração de ambos, propiciando uma vivência de nossa plenitude psicológica. Em outras palavras, Eros é uma das principais funções responsáveis por nos humanizar, transcendendo a impessoalidade que nossas experiências podem, de outra forma, assumir (STEIN, 1999).

É Eros que faz os deuses – os arquétipos – afetuosos, criativos e envolvidos. Somente através de Eros podem os deuses ou arquétipos ser afetuosos. No que diz respeito a nós mortais, os deuses são neutros, desumanos, distantes e frios. Somente quando eles são combinados com Eros podemos sentir seu movimento, eles se tornam criativos, íntimos e estimulantes (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1998, p. 23).

Segundo Stein (1999), Eros pode ser equiparado ao impulso criativo, uma vez que, através da relação, promove a criação da vida, da junção de dois dá à luz um terceiro. Brandão (2014) explica como Eros, enquanto criatividade, é responsável por unir pensamento e realização, é pulsão fundamental “que impele toda existência a se realizar na ação” (p. 213).

(...) essa passagem ao ato só se concretiza mediante o contato com o outro, através de uma série de trocas materiais, espirituais, sensíveis, o que fatalmente provoca choques e comoções. Eros procura superar esses antagonismos, assimilando forças diferentes e contrárias, integrando-as numa só e mesma unidade (BRANDÃO, 2014, p. 213).

É interessante aqui ressaltarmos que a psique é composta de muitos pares de opostos, polos divergentes que estão contidos dentro de cada arquétipo. São precisamente essas diferenças que geram potencial energético, promovendo o movimento, a energia psíquica que flui. Para que tal fluxo possa ter vez, os opostos intrínsecos a nós precisam estar em contato, isto é, relacionar-se (JUNG, 2002a). Percebemos aqui como Eros é especialmente relevante, sendo nosso princípio de relação. Ao mesmo tempo, sendo ele próprio um arquétipo, Eros é, também, imbuído de polos opostos.

É claro que, como uma figura de integração e totalidade, Eros possui mais de uma face, e seu outro lado pode amedrontar tanto a ponto de ser rechaçado. Cowan (2005) aponta para o fato de que Eros é um provocador de emoções muito intensas, sobre as quais temos pouco ou nenhum controle, o que acaba parecendo muito assustador. Terminamos por não nos permitir experimentar os prazeres viscerais que ele desperta, saboreando-os com culpa se por acaso

“escapam”. É seguro dizer que nosso medo reprime Eros e nos conduz à uma existência sem animosidade e sem sentido:

É tão grande o temor coletivo de Eros, que a maior parte das bênçãos desse deus foi transformada em maldição: sexualidade em pornografia; prazer amoroso em satisfação egoísta; privacidade em invasão, exposição estética do corpo em exibicionismo de mau gosto; sensualidade em obscenidade criminal e poesia romântica em trivialidades terapêuticas (COWAN, 2005, p. 182).

Isso muito tem a ver com a dualidade masculino-feminino. Se pensamos o masculino como caracteristicamente lógico, e o feminino como caracteristicamente erótico, temos uma descompensação em que o feminino é reprimido e o masculino supervalorizado no constructo social (PERERA, 1985).

Jung (2013a) comenta que a circunstância de vivermos em uma sociedade dirigida por Logos obriga a mulher a “adquirir alguns traços masculinos” (parágrafo 259) para adaptar-se ao meio social e nele desempenhar papéis. Sem essa função adaptativa, ela corre o risco de ficar “perdida no mundo dos homens” (parágrafo 259), onde as leis e a razão são a primazia.

Perera (1985) aponta que, dessa maneira, a mulher corre o risco de soterrar grande parte de sua natureza psíquica para se adaptar ao meio. As mulheres que compartilham dessa realidade são, muitas vezes, intelectuais e donas de uma bela persona, mas profundamente frustradas e insatisfeitas por não conseguirem satisfazer a exigência de perfeição de seus superegos. Elas vivem com o que podemos chamar de “ego-animus”, que é uma persona bem adaptada, mas não um ego próprio com o qual possam relacionar o inconsciente e o mundo exterior.

O animus é um importante arquétipo presente na psique da mulher. Podemos entendê-lo como a parcela masculina locada na psique feminina, uma instância que está imbuída de uma lógica objetiva e que permeia o funcionamento do intelecto. Todavia, o animus é essencialmente inconsciente, de modo que temos acesso, apenas, a uma pequena parcela dele. Ela pode se manifestar, comportamentalmente, através das projeções e apoixamentos, como também atuar, especialmente, pela racionalização (HANNAH, 2011). Como define Perera (1985, p. 140):

O lado masculino inconsciente da personalidade de uma mulher. Personifica o princípio do Logos. A identificação com o animus pode tornar uma mulher rígida, inflexível em suas opiniões e fazê-la envolver-se em discussões frequentes. Visto em seu aspecto mais positivo, o animus é o homem interior que funciona como ponte entre o ego da mulher e os recursos criativos que estão em seu inconsciente.

Hannah (2011) comenta sobre como uma mulher pode ser possuída por seu animus, que suprime sua individualidade em favor dessa persona coletiva e adaptada ao meio. O domínio do animus sobre a psique feminina traz consigo uma aridez que seda o mundo das fantasias e torna a vida extremamente impessoal. Subitamente, as superficialidades mundanas assumem importância central e distraem daquilo que verdadeiramente importa.

A única maneira possível para uma mulher se relacionar com seu animus, de forma a aproveitar seu lado positivo e não ser por ele engolida, é através de Eros. Eros, aquele que une os opostos de forma criativa, promoverá o casamento sagrado entre a consciência e o animus, oferecendo uma alternativa saudável para a guerra de poder entre os dois (HANNAH, 2011).

Acontece que o feminino imbuído de Eros é tido como um transgressor, dono de um código de conduta próprio e não submissivo, e, também por isso, mal visto e subjugado: “Subjugar as próprias emoções e desejos espontâneos significa subjugar o âmbito do feminino em prol do ideal masculino do autocontrole” (WHITMONT, 1982, p. 83). Este autocontrole que reprime Eros acaba por assim despertar a sua face sombria, num mecanismo de hipercompensação.

A mulher, reagindo a essa repressão de sua natureza erótica, busca atingir uma autossuficiência que lhe permita não mais depender da relação com o homem e/ou o próprio animus, adotando uma persona² hipertrofiada que resulta numa máscara de muita respeitabilidade e pouca autenticidade. Tal hipertrofia faz com que se viva apenas a nível pessoal, exigindo algum tempo até que seja possível perceber a insuficiência do ego e a limitação das personas (JUNG, 2013a). O caminho até essa tomada de consciência torna-se, como era de se esperar, tortuoso e doloroso, porém possível:

² “Nosso papel social, derivado da experiência de grupos e de treino desde a infância. Um ego forte relaciona-se com o mundo exterior por meio de uma persona flexível. A identificação com uma persona específica (...) inibe o desenvolvimento psicológico” (PERERA, 1985, p. 141).

Talvez ainda descubra que aquilo que parece fraco e imperfeito, um doloroso distúrbio ou um desvio alarmante, deve ser interpretado de acordo com sua dupla natureza: são degraus que levam ao nível humano mais profundo e, finalmente, acabam no pântano do inconsciente e das coisas perdidas, se o indivíduo perder seu ponto de apoio que está em sua distinção pessoal (JUNG, 2013a, parágrafo 270).

Como Jung explica no excerto acima, é possível que, no processo de expandir a consciência através do contato com o inconsciente, o indivíduo acabe por se perder e ser dominado por seus conteúdos psíquicos profundos. Faz sentido pensarmos aqui no princípio de equivalência da energia psíquica, que determina que toda a quantidade de energia utilizada no consciente, em um polo, estará da mesma forma compreendida no inconsciente, em outro polo. Temos assim que, quanto mais o consciente esforçar-se para reprimir um conteúdo, tanto mais poderoso ele estará no inconsciente (PENNA, 2003). O mesmo princípio aplica-se sobre a repressão de Eros.

Que não haja enganos: Eros não é nenhum salvador; ele não é a chave para se viver “feliz para sempre”. Enquanto Eros faz os arquétipos mais humanos, moderando suas qualidades demoníacas, ele mesmo pode ser bastante demoníaco. Muito da tragédia e comédia da vida, tristeza e alegria, desespero e júbilo resultam dos conflitos e confusão que Eros evoca. Estar apaixonado, por alguém ou algo, leva a sofrimento, conflito, problemas e frustrações, mas, a alegria e satisfação também (GUGGENBÜHL-CRAIG, 1998, p. 23).

Whitmont (1982) comenta que o aspecto do Eros reprimido relaciona-se com o sensual feroz, muitas vezes bestial. Está ligado à destruição, ao frenesi sexual, características também pertencentes a Dionísio, o deus do vinho, frequentemente associado ao prazer material, às festas e aos instintos mais primitivos da humanidade. Se, por um lado, o dionisíaco está atrelado a tudo o que há de mais visceral e violento, podendo levar, inclusive, ao desejo de autoaniquilação, por outro, se o sufocamos completamente, não temos mais qualquer prazer em viver: “Em excesso, essa dinâmica pode desaguar na loucura, no niilismo, na aniquilação; contudo, sua total ausência significa petrificação, rigidez, e um tédio soturno” (WHITMONT, 1982, p. 77).

Giddens (1993) argumenta que o refreamento do erótico-dionisíaco foi, de certa forma, necessário para a evolução da civilização. Sem o predomínio da razão e da ordem o homem não poderia viver em uma grande sociedade

organizada. Isso também representa um esforço do ego em individualizar-se, mantendo um nível de diferenciação que lhe permita não estar completamente à mercê dos caprichos do inconsciente. A questão problemática é, na verdade, a polarização. Como sabemos, tudo aquilo que é unilateral padece de uma neurose iminente, e assim acontece com a civilização e com o ser humano moderno. Uma vez que Eros e Dionísio exigem um sacrifício do ego, eles não mais são permitidos, a não ser em poucas situações muito específicas (como o carnaval). Como resultado, o sofrimento se manifesta em uma ansiedade de manter uma persona adaptada e cuidadosamente construída, impedindo a espontaneidade e o livre fluxo da energia psíquica.

Com este fluxo congestionado, uma série de conflitos internos toma forma, gerando uma angústia consequente da cisão com o si-mesmo. O si-mesmo, chamado também de self, é o arquétipo da totalidade psíquica, o centro organizador que permeia todas as ações do ego e da consciência, buscando ser contemplado e realizado através de ações no mundo físico. Quando a repressão de um conteúdo psíquico se faz presente, é possível que o ego se aliene do si-mesmo, cindindo a psique e gerando sofrimento (WHITMONT, 1969). Como define Jung (1980): “A neurose é um estado de desunião consigo mesmo” (p. 120).

O indivíduo cindido pode estar sofrendo uma separação não apenas a nível mental, mas de forma transcendente, com o próprio corpo. Ramos (1994) ressalta que a não integração de corpo e mente, invariavelmente, faz adoecer um dos dois, muito comumente provocando doenças psicossomáticas, aquelas em que não se pode precisar causa física específica, porque o agente principal da doença é a mente. Dessa forma, se o cultivo da alma não compreender o cuidado do corpo, existirá uma cisão de qualquer maneira.

Este cultivar da alma significa debruçar-se sobre a totalidade do si-mesmo, estar em contato com a pluralidade de nossas instâncias psíquicas e dar expressão a elas. Jung fala sobre como o culto da mulher está intimamente relacionado ao culto da alma. A busca pelo sagrado nas religiões esteve muitas vezes conectada à simbologia do feminino, daquilo que é fecundo, que é vaso

receptivo, como se percebe, por exemplo, no emblemático Santo Graal³. Da mesma forma, a busca pelo sagrado da psique, que se dá através do cultivo da alma, tem características muito femininas e eróticas, de relação (JUNG, 1981).

É importante ressaltar, nesse ponto, que a função integradora de Eros no culto à alma se estende também à conexão entre mente e corpo, que é essencial para a manutenção da saúde mental tanto quanto para a da saúde física:

O erotismo constitui um problema controverso⁴ e sempre o será, independentemente de qualquer legislação futura a respeito. Por um lado, pertence à natureza primitiva e animal do homem e existirá enquanto o homem tiver um corpo animal. Por outro lado, está ligado às mais altas formas do espírito. Só floresce quando o espírito e instinto estão em perfeita harmonia. Faltando-lhe um dos dois aspectos, já se produz dano ou, pelo menos, um desequilíbrio, devido à unilateralidade, podendo resvalar facilmente para o doentio. O excesso de animalidade deforma o homem cultural; o excesso de cultura cria animais doentes. Este dilema mostra toda a insegurança que o erotismo traz no homem. No fundo, é algo muito poderoso que, como a natureza, pode ser dominado e usado, como se fosse impotente. Mas o triunfo sobre a natureza se paga muito caro (JUNG, 1980, parágrafo 32).

Dessa forma, o feminino, assim como Eros, pode ser um importante caminho a seguir quando buscamos o cultivo da alma e pretendemos, a partir daí, oportunizar à psique a sua iniciação.

2. Iniciação e a Psique

Na dinâmica da energia psíquica, são admitidos movimentos de progressão e regressão. Quando em progressão, a energia está fluindo para o exterior, num esforço para se adaptar ao meio. Quando em regressão, a energia volta-se para si, para a própria psique, na incumbência de ressignificar conteúdos e possibilitar uma nova progressão (JUNG, 2002a). Perera (1985) aponta que o movimento de regressão, por ser um caminho de volta até o inconsciente, é também chamado, simbolicamente, de descida ao inconsciente. A descida costuma significar momentos da vida em que é exigido de nós mais do que nossos recursos conscientes podem oferecer. Para lidar com a situação,

³ Santo Graal é um importante símbolo da mitologia (não apenas, mas principalmente) cristã, sendo ele o cálice com o qual Jesus Cristo realizou a Última Ceia. Por sua forma de vaso, pode ser relacionado ao feminino fértil, uterino, o vaso que recebe e contém a vida (JUNG, 1981).

⁴ A edição brasileira da obra usa o termo “convertido”, mas concluiu-se, em análise da versão em inglês (“questionable”), que “controverso” seria uma descrição mais apropriada.

é necessário, então, ampliar as possibilidades, estendendo-as aos recursos criativos que habitam o inconsciente:

Quando os recursos do consciente estão esgotados, as pistas oferecidas pela esfera irracional são fundamentais. O papel do terapeuta é, então, o de obstetra ou parteira: ajudar a trazer à luz do dia (à consciência) um processo interior (inconsciente). Ora, esse processo segue um caminho distinto em cada indivíduo, visto que os seres humanos são infinitamente variados. O terapeuta, nesse momento, é rigorosamente hermeneuta, um intérprete que ajuda a traduzir as cartas oníricas simbólicas ou as fantasias que o analisando recebe do inconsciente (MARONI, 1998, P. 127).

A descida representa um momento de introspecção e contato com o inconsciente, um resgate de conteúdos sombrios, reprimidos, esquecidos ou, simplesmente, não visitados. Esse movimento é necessário para que o ego possa renovar sua integração com a totalidade da psique, ampliando a consciência e promovendo uma ressignificação de conteúdos. É isso o que possibilita nos instrumentarmos para construir um sentido para a existência e uma intencionalidade em nossas ações. Em outras palavras, é preciso passar pelo limbo emocional do não-significado para então poder transformá-lo em algo produtivo (PERERA, 1985).

Reconhecemos nessa escuta uma corrente da libido para dentro, que começa a escoar para um objetivo misterioso, ainda não visível. É como se ela tivesse descoberto de repente, nas profundezas do inconsciente, um objeto que a atrai enormemente. A vida do homem voltada para fora geralmente não permite tais introversões; deve-se admitir para isto um certo estado excepcional, por exemplo a falta de objetos externos, que obriga o indivíduo a procurar um substitutivo para eles no interior da própria alma. No entanto, é difícil imaginar que este mundo tão rico seja demasiado pobre para poder oferecer um objeto ao amor de um homem. Ele oferece possibilidades infinitas para todos. É, ao contrário, a incapacidade de amar que priva o homem de suas possibilidades. Esse mundo é vazio somente para aquele que não sabe dirigir sua libido para coisas e pessoas e torna-las vivas e belas para si, o que nos obriga, portanto, a criar um substitutivo a partir de nós mesmos não é a falta externa de objetos, e sim nossa incapacidade de envolver afetivamente alguma coisa além de nós (...) (JUNG, 2016, parágrafo 253).

Temos assim que toda descida é uma forma de iniciação, através da qual podemos atingir a transformação de que nossa psique necessita. Henderson (2005) explica que podemos admitir a existência de um arquétipo de iniciação,

visto que a mesma faz parte da estrutura da psique e também da tradição humana em sociedade, exemplificada pelos mitos e ritos antigos.

Nas sociedades tradicionais, as iniciações psíquicas costumavam se dar através de ritos de passagem, importantes rituais que tinham o papel de demarcar a transformação da psique humana na passagem de fases da vida. O culto às deusas pagãs fazia parte dessa complexa configuração, sendo extremamente relevante para o desenvolvimento da psique, especialmente, feminina (JUNG, 2002b).

Fica claro ao psicólogo quais os efeitos catárticos e ao mesmo tempo renovadores precedentes do culto a Deméter sobre a psique feminina; fica clara também a carência da higiene psíquica que caracteriza nossa cultura, a qual não conhece mais esse tipo de vivência salutar, como o das emoções eleusinas (JUNG, 2002b, p. 189).

Quando fala de “emoções eleusinas”, Jung está se referindo aos milenares rituais de iniciação que eram celebrados em Elêusis, cidade próxima a Atenas, na Grécia Antiga. Debruçando-se sobre as meditações pagãs, Paris (2006) esclarece como costumavam ocorrer esses antigos rituais. Os chamados Mistérios de Elêusis eram rituais secretos, sobre os quais os participantes eram proibidos de falar – razão pela qual, ainda hoje, se sabe tão pouco sobre eles. As informações de que se tem notícia explicam que os Mistérios compreendiam uma série de cultos aos deuses e deusas pagãs, em especial Deméter, a deusa mãe da fertilidade.

Paris (2006) explica ainda que, a princípio uma prática permitida apenas para mulheres casadas, e depois aberta a qualquer um que tivesse nacionalidade grega, esses mistérios já estavam estabelecidos na Idade do Bronze (por volta de 3000 a.C) e perduraram até a Idade Média, época em que o Cristianismo os suprimiu. Os iniciandos podiam passar até um ano sendo preparados para o ritual de iniciação, através de jejuns, purificações e instruções dadas pelos chamados guias espirituais, responsáveis por liderar o andamento dos mistérios.

Uma vez terminadas as preparações, uma série de cerimônias acontecia durante os rituais. Os iniciandos experimentavam estados alterados de consciência induzidos por bebidas misturadas a ervas de ação psicotrópica, produzidas como parte da ritualística. O *kykeon* era uma bebida de vinho a que

se acrescentava uma droga alucinógena derivada de uma espécie de cogumelo chamada Egort, com estrutura química semelhante ao LSD. Os efeitos que provocava eram também similares: a princípio, aquele que ingeria o *kykeon* sentia tremores, náuseas e suor frio, além de uma sensação de muito medo. Passada essa primeira reação, o próximo estágio era a visão de uma auréola brilhante elevando-se de uma caverna escura (PARIS, 2006).

Paris (2006) aponta também que os iniciandos de Elêusis eram conhecidos como “*a-person-who-knows-without-knowing*”, isto é, “aquele que sabe sem saber”, uma vez que as palavras tinham pouca importância nos rituais. Havia canções litúrgicas que eram entoadas, mas nunca discursos, corroborando a etimologia da palavra “mistério”, que remete a “*to be silent*”, que podemos traduzir como “ficar sem silêncio”.

Ainda segundo a autora, uma das principais ideias permeando os Mistérios era a da imortalidade da alma. Experimentava-se um contato íntimo com a compreensão de que a alma viria a renascer muitas outras vezes, em diversas formas. Ao mesmo tempo em que a espiritualidade era enfatizada dessa forma, o corpo também era muito importante, possibilitando a emergência de uma mescla de sensações que viriam a proporcionar as experiências de transcendência.

Segundo Paris (2006), além dos estados alterados de consciência provocados por bebidas e drogas, os Mistérios promoviam importantes experiências sexuais. Não por acaso, além de Deméter, outra figura relevante a ser cultuada era Dionísio. Deus do vinho, Dionísio é um rompedor da ordem, ligado a uma grande liberdade sexual e subversão de valores tradicionais. Quando uma revolução precisa acontecer, Dionísio, o Libertador, chega para balançar as estruturas. Dionísio nos convida à noite delirante da psique, às profundezas da caverna, e descer até lá pode ser mais fácil que voltar. Quando a intensidade dionisiaca toma conta do indivíduo, a libertação se torna horror, dor e agonia.

Com a ausência dos rituais, o contato com o dionisiaco foi banalizado, acontecendo sem responsabilidade e sem que se tenha consciência sobre o tamanho de seu poder sobre a psique. Sem um guia para essa espécie de descida ao inconsciente, a experiência só pode ser traumática, implicando, por

exemplo, no vício (em álcool, drogas ou sexo), que engole e oblitera a individualidade (PARIS, 2006).

Assim como promoveu a possível patologização da comunhão com Dionísio, a perda dos antigos ritos de passagem culminou uma grande fluidez nas instâncias psicológicas vivenciadas, de modo que as experiências se banalizaram e o cultivo da alma, muitas vezes, se perdeu (PARIS, 2006; GIDDENS, 1993).

Giddens (1993) aponta como essa problemática afetou, também, a sexualidade humana. A sexualidade foi sequestrada, uma vez que parece não mais pertencer e ser de direito da pessoa, mas uma ação pecaminosa e furtiva por conta da repressão social e religiosa, mais do que da psicológica. É um sistema institucional de repressão envolvendo especialmente dois fatores: a negação da resposta sexual feminina e a aceitação generalizada da sexualidade masculina. Para as mulheres, ficou a tarefa de transformar o amor em autodesenvolvimento e buscar a emancipação. Para os homens, a sexualidade se tornou automatizada e desprovida de qualquer desses valores mais profundos. A sexualidade seria, portanto, um importante meio de emancipação, podendo ser o ponto de partida para uma transformação não apenas individual, mas social.

No mito de Eros e Psiquê, temos um bom exemplo de como a iniciação se deu através, justamente, da sexualidade, da relação e do amor, proporcionando para Psiquê uma transformação que veio a afetar todo o constructo social em que estava inserida, bem como todos aqueles a sua volta a nível também pessoal. Neumann (2017) disserta sobre o mito de Eros e Psiquê e analisa o significado simbólico que ele possui.

Conta-se a história de Psiquê, uma moça tão bela que os homens passaram a cultuá-la como uma deusa, considerando-a a nova Afrodite. Afrodite revolta-se contra essa *hybris*⁵ humana, decretando, junto de seu filho, Eros, sua vingança. Ela condena Psiquê às trevas ao ordenar-lhe um casamento com um monstro terrível que virá a destruir-lhe a vida. É Eros quem deve assegurar que esse destino se cumpra, mas, encantado por Psiquê, ele desobedece à mãe e protege a integridade da jovem, casando-se ele mesmo com ela, mas visitando-

⁵ A *hybris* é um ato de desobediência humana contra os Deuses (NEUMANN, 2017).

a apenas à noite e jamais permitindo que ela conheça seu rosto. Certa noite, Psiquê utiliza um candelabro para iluminar a face do amado enquanto ele dorme, descobrindo seu segredo. Como castigo para esta traição, Eros parte e abandona Psiquê à própria sorte.

Afrodite enfurece-se mais uma vez quando descobre a traição do filho, e lhe resta condenar Psiquê a uma série de tarefas que julga impossíveis de se realizar. Supondo que consiga completá-las, Psiquê será aceita no reino dos céus como esposa de Eros. De fato, as tarefas de Afrodite consistiam em trabalhos inalcançáveis para mãos humanas (como separar sementes de um enorme monte, coletar a água de uma fonte da morte e conseguir um tufo de lã de carneiros raivosos), mas Psiquê recebe muita ajuda ao longo de sua jornada, contando com o auxílio dos animais, da natureza e de Pã, deus da vida, que ama tudo que está vivo.

Assim, Psiquê passa por provações e sai delas transformada, tendo, ao mesmo tempo em que se humanizou, tornado-se divina pelo cumprimento de sua saga. Quando reencontra Eros, ela está diferente, mais forte e capaz, assim como ele está, também, transformado pelas ações dela. Juntos, os dois concebem o fruto perfeito, a filha Volúpia.

A história de Psiquê ilustra com precisão a maneira como a descida ao inconsciente se faz necessária em momentos de aridez. Notamos que, antes de descer para as suas núpcias de morte, Psiquê tinha uma vida desfeita de sentido, que lhe provocava angústia e desorientação. Quando encontra Eros, ela então é capaz de se satisfazer, provando o prazer que antes desconhecia. Acontece que, para que consiga se desenvolver como mulher, ela precisa deixar de ser possuída por Eros, separar-se dele para olhar e ver, descobrir seu segredo e fazer emergir uma nova consciência. É só depois de uma série de dificuldades que Psiquê pode, finalmente, reencontrar o amado, mas agora de uma forma diferente. Ela não é mais uma vítima das circunstâncias, mas uma mulher que escolheu seu próprio destino, uma agente ativa no controle da própria vida. É interessante perceber como, através da sexualidade ampliada (isto é, não somente o sexo, mas a relação, através do encontro com Eros), Psiquê pôde se emancipar psicologicamente e transformar não somente a si, mas a Eros, a Afrodite, e a toda a organização social da época. Nesse sentido, Psiquê é uma revolucionária (NEUMANN, 2017).

Percebemos aqui como os rituais e a mitologia são importantes, representando uma extensão da psique humana. Dessa forma, os mitos e mistérios não são uma instância criada pela psique consciente, mas uma confissão da psique inconsciente, portanto seu retrato (JUNG, 2002b). Naturalmente, eles estão constantemente se atualizando, se apresentando de novas formas, acompanhando o desenvolvimento da civilização. Por essa razão, partiremos a seguir para uma análise de como Eros e Dionísio, enquanto pilares do feminino e da sexualidade, podem se manifestar nos dias atuais.

3. Eros e Dionísio como caminho

Para Jung (2002b), a imaginação tem a importante função de manter a psique viva e criativa. Assim, sempre que imaginamos, necessariamente, estamos evocando o inconsciente. Se as imagens são a expressão essencial da psique, o presente capítulo visa apresentar as imagens contemporâneas da iniciação da mulher através da análise de uma obra cinematográfica.

As artes, como o cinema, têm sido desde sempre um meio de cultivo da alma, uma espécie de imaginação ativa⁶ que é amplamente compartilhada (MONTEIRO, 2012). O processo criativo do artista envolve dois níveis de significação, sendo eles o pessoal e o arquetípico. Nessa perspectiva, concebemos que, em sua obra, o artista expressa não somente os seus próprios conteúdos, mas possivelmente um zeitgeist cultural ou um padrão arquetípico milenar. Como ressalta Roberto (2010, p. 4):

Percebemos que todo artista carrega algo maior que ele, um conteúdo que transcende o caso egoico, mas que ao mesmo tempo exige que esse ego dê conta. O artista é antena viva da sociedade e capta, antes de todos, os aspectos do inconsciente coletivo, antecipando para a mesma.

É com base nisso que uso aqui uma obra audiovisual para ilustrar o intrincado processo de iniciação de uma personagem chamada Isabel. A estória

⁶ “Jung usou o termo em 1935 para descrever o processo de sonhar com os olhos abertos (CW 6, parág. 723n). De saída, o indivíduo concentra-se em um ponto específico, uma disposição, quadro ou eventos específicos; em seguida, permite que uma cadeia de fantasias associadas se desenvolvam e gradativamente assumam um caráter dramático. Depois as imagens ganham vida própria e desenvolvem-se de acordo com uma lógica própria. A dúvida consciente deve ser superada e conseqüentemente que haja permissão para que qualquer coisa incida na consciência” (SAMUELS, 2003, p. 49).

de Isabel é um dos episódios da série “Desnude”, exibida em 2018 pela emissora GNT. Uma realização feita de mulheres para mulheres, a obra nasceu do desejo de um grupo de realizadoras (roteiristas, diretoras, produtoras) de retratar o sexo de uma perspectiva feminina. A série é composta de dez episódios independentes, cada um contando a saga de uma mulher diferente. O roteiro dos episódios foi escrito com base nas fantasias sexuais de mulheres comuns, que enviaram seus relatos para as realizadoras através uma plataforma online (SÉRIE..., 2018).

A começar pelo título, podemos entender o ato de tirar as vestes como um forte elemento simbólico. Perera (1985) aponta que despir-se representa o sacrifício do ego, necessário para restaurar o relacionamento com o inconsciente. Desnudar-se é, assim, reduzir-se à matéria prima⁷, para então poder se transformar. As protagonistas em “Desnude” vivem sempre algum tipo de transformação ao se desvestirem, todas elas permeadas pelo sexo e pelo erótico.

Intitulado de “O jantar exterminador”, o episódio que Isabel protagoniza apresenta um casal heterossexual de classe alta (em que ela é a esposa) chegando para um jantar na casa de amigos. Enquanto as formalidades da noite se desenrolam, Isabel se recolhe em sua própria mente, conversando consigo mesma e divagando sobre a vida.

A primeira aparição da protagonista para o espectador é insossa: ela se dirige, em trajes de gala, a um encontro formal para o qual não quer realmente ir, mas se sente obrigada a comparecer. A própria personagem define a situação como insípida, superficial e fingida. Ela não se identifica com a persona que precisa forjar ali, e se permite fantasiar um universo paralelo em que é tomada por uma atmosfera muito mais sensual que a realidade, um ambiente carnal e erótico.

Fica claro que, ao se permitir ser absorvida por suas fantasias inconscientes, Isabel encontra Eros e Dionísio. São eles que promovem a chamada animação da psique, que eliciam o movimento e a entrega à

⁷ A matéria prima é a substância original da qual derivam todas as outras, um potencial indiscriminado que precisa ser apurado e transformado. Assim pode ser a psique, um todo indiferenciado que é lapidado através de nossas experiências. Quando experimentamos um período de desafio ou escassez na vida, voltamos à nossa matéria prima, a reencontrar nosso inconsciente para então podermos nos transformar (EDINGER, 1985).

efemeridade da vida. Podemos supor, pela forma como a personagem nos é apresentada, que sua vida era predominantemente motivada pela superficialidade e racionalidade, fator que, então, justifica a compensação inconsciente, em que a lógica e a razão não existem. Isabel, assim como todo e qualquer sujeito, precisa de um equilíbrio de funções em sua psique, isto é, uma integração entre consciente e inconsciente, persona e sombra, e tantos mais pares de opostos que conhecemos. Com o estilo de vida aparentemente unilateral que leva, pode-se assumir que, nessa mulher, um erotismo reprimido necessita ser resgatado.

Michel Maffesoli, um importante sociólogo cujos trabalhos sobre a pós-modernidade agregaram relevantes conhecimentos para a Psicologia, explica:

Com efeito, quando as comportas do poder começam a se fechar, fazendo com que mais fortemente se sinta sua pressão, ou ainda quando a indiferença do tédio começa a desestruturar o corpo social, eis que a vida transborda. O dionisíaco é uma recuperação da existência que se ia esvaindo, que se ia deixando vencer, da existência que se sentia ameaçada. É a idade do lobo de uma sociedade que vê o fim próximo e se empenha em desfrutar os prazeres e as alegrias que ainda estão ao seu alcance (MAFFESOLI, 2005, p. 96).

Através de estudos acerca do funcionamento social da humanidade, Maffesoli (2005) pôde concluir que, muitas vezes um aliado de Eros enquanto função psíquica, Dionísio conquista suas seguidoras especialmente entre donas de casa ou mesmo trabalhadoras presas em rotinas sem afeto, que correm o risco de “morrer de tédio”. Sempre que se precisa de uma revolução, Dionísio, o libertador, chega. Para promover a revolução necessária, ele balança diretamente as estruturas, exatamente as fundações que sustentam a construção daquela pessoa, a razão pela qual ela o reprimiu. Pode ser uma religião, uma profissão, um casamento, etc.

Na história de Isabel, o casamento é uma instituição de importância central, possivelmente um organizador da psique. Nota-se que, durante todo o evento do jantar, ela se porta como a sombra do marido, deixando que ele se apresente, que ele fale, que ele responda por ela. Não há nada que ela precise ativamente fazer, pois está escondida atrás da figura deste homem. Naturalmente, no furor de suas fantasias sexuais, ela questiona o casamento o tempo todo.

Vimos, enquanto falávamos sobre Psiquê, como a sexualidade pode ser um meio de emancipação feminina. Outro importante emancipador psíquico é Dionísio, um perturbador da ordem. Os perturbadores da ordem estão ligados a uma grande liberdade sexual e valores politeístas, polidimensionais e plurais. “As paixões desencadeadas são dificilmente controláveis, pois recuperam todos os elementos que, na maior parte do tempo estão ocultos na estruturação social; é nesse sentido que são subversivas” (MAFFESOLI, 2005, p. 92). Mesmo assim, a desordem não é menos fecunda que a ordem, uma vez que ela tem suas próprias regras.

As mulheres, por serem vistas como um desvio do ortodoxismo masculino, precisam do paganismo, e especialmente de Dionísio, aquele que derruba instituições, se quiserem um guia para o mundo da diferença (MAFFESOLI, 2005). Porém, sem o caráter humanizador de Eros, Dionísio também pode perder sua força transformadora. É por essa razão que tão frequentemente Eros e Dionísio caminham juntos na psique feminina. O bacanal e o sexo são agentes importantes, mas somente quando ampliados é que eles vêm a significar para a psique feminina: a sexualidade puramente genital é insuficiente para a mulher (GIDDENS, 1993). Como explica Jung (2013a, parágrafo 255):

O homem acha que possui a mulher porque a possui sexualmente. Ora, é justamente na posse sexual que ele menos a possui, porque para a mulher o que importa é Eros. O casamento, para ela, é uma relação à qual apenas se acrescenta a sexualidade.

Quando aplicamos tais ideias à história de Isabel, percebemos algumas coisas. Em primeiro lugar, Isabel é uma mulher casada, o que nos leva a presumir que ela tem uma vida sexual ativa. Logo, não é o sexo que lhe falta, mas o sexo com significado, o sexo transgressor, *numinoso* (isto é, dotado de emoção e significado) e transformador. Em sua fantasia, Isabel está tomada pelo erótico-dionisíaco, mas, o tempo todo, conseguimos perceber a intencionalidade de suas ações, o seu papel central em determinar o curso dos fatos e o que isso lhe provoca em termos de emoção e reflexão. Assim como Psiquê, Isabel (quando se recolhe para a própria mente, quando realiza um movimento de

regressão da energia psíquica) deixa de ser uma vítima das circunstâncias – mesmo que tudo ocorra apenas dentro de sua cabeça, ela está no controle.

É aqui que perdemos a impressão inicial de que Isabel era engolida pela figura do marido. Nesse momento, ela, na verdade, escolhe ser ofuscada por ele, decide que não quer fazer parte daquela situação em que se encontra e espontaneamente se retira dali, mergulhando nos confins da própria imaginação, que se revela, de fato, muito mais dotada de significado do que a realidade palpável.

Como discutimos anteriormente, a mulher moderna frequentemente possui como característica o ego-animus, muitas vezes, inclusive, se deixando possuir pelo próprio animus. É bem possível que fosse esse o caso de Isabel, também. Com o descontentamento que demonstra em ter de atuar uma postura que não lhe pertence de fato, é plausível presumirmos que essa necessidade fosse relativamente constante em sua vida. Ela se apresenta para nós, realmente, em um momento de aridez, e sentimos logo de início a necessidade de transformação da qual sua psique padece.

Isabel parece também saber disso. Ela não é ingênua. Talvez, intuitivamente, sinta o episódio iminente da descida ao inconsciente, da qual, por ter chegado em seu limite de tolerância, não pode mais fugir. Tendo essa consciência, ao invés de ser iniciada à força, Isabel se entrega a essa obrigação voluntariamente, expressando seu potencial criativo inconsciente e colhendo dele os devidos frutos.

Ao fim de sua fantasia criativa, Isabel volta para a realidade de um jeito diferente. Seu olhar parece mais incisivo, sua expressão mais assegurada e autêntica. Ela observa a sala, repleta de pessoas vestidas de suas mais adoráveis personas, e conclui que precisa se separar delas. O primeiro passo para tanto, constata, é “largar” (segundo suas próprias palavras) o marido. É assim que, para nós, acaba sua história. E é assim que, para ela, começa a sua iniciação.

4. Considerações Finais

Enquanto intrinsecamente atrelado a Eros em essência simbólica, o feminino pode ser entendido como conectado ao princípio de relacionamento e

à energia criativa da psique. Entende-se que, por vivermos em uma sociedade onde os valores do masculino são exaltados, a sombra coletiva acaba por projetar-se na mulher.

Como consequência, vivemos uma repressão do feminino, de modo que temos muitas mulheres socialmente bem adaptadas, porém às custas de suas naturezas eróticas. Quando Eros é “banido” na psique, os recursos do consciente e da racionalidade passam a ser insuficientes para a manutenção do sentido da existência, exigindo um contato mais profundo com os conteúdos inconscientes. É aí que, com a ajuda dos deuses, acontece a iniciação, a descida ao inconsciente (PERERA, 1985).

Quando se realiza essa descida é possível se alimentar, nutrir a alma e prepará-la para o que está por vir. É esse momento que criará as condições necessárias para que Eros retorne, para que o que foi reprimido possa ser expresso e o que foi esvaziado possa novamente se encher (de sentido) (NEUMANN, 2017). E, com a presença de Eros na psique, muito comumente, haverá o desfrute do sexo (GIDDENS, 1993).

A sexualidade é um tabu por si só, mas, quando se trata da sexualidade da mulher, a recepção ao tema parece ser ainda mais intrincada. Não por acaso, a sexualidade passa a ser, na psique feminina, uma importante via de emancipação, um caminho para o desenvolvimento pessoal e diferenciação do meio, em que regras coletivas são rompidas em favor da individualidade. Em outras palavras, a sexualidade pode ser um dos potenciais percursos rumo à iniciação.

A dissolução dos cultos pagãos e dos rituais de passagem tornou a iniciação psíquica mais fluida e, muitas vezes, mais obscura. Apesar disso, ainda que de características mais subjetivas, a iniciação ainda hoje se manifesta e ainda hoje é de suma importância para o desenvolvimento dos indivíduos, exigindo a presença de Eros para que possa acontecer. Dessa forma, a reconexão da mulher com sua natureza é, não apenas possível, como necessária.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Junito de Souza. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 2014.

COWAN, Lyn. Quando Eros parte. In: SALLES, Carlos Alberto Corrêa; MELO, Jussara Maria de Fátima César e (Orgs). **Sexualidade e Individuação**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 169-184.

COWAN, Lyn. Quando Eros retorna. In: SALLES, Carlos Alberto Corrêa; MELO, Jussara Maria de Fátima César e (Orgs). **Sexualidade e Individuação**. São Paulo: Vetor, 2005. p. 185-196.

EDINGER, Edward F. **Anatomia da Psique**: o simbolismo alquímico na psicoterapia. São Paulo: Cultrix, 1985.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **Eros de muletas**: reflexões sobre amoralidade e psicopatia. Curitiba: Editora Corsária, 1998.

HANNAH, Barbara. Animus and Eros. In: HANNAH, Barbara. **The animus**: the spirit of inner truth in women. Vol 1. Illinois: Chiron, 2011, p. 59-96.

HENDERSON, Joseph L. **Thresholds of initiation**. Illinois: Chiron Publications, 2005.

JUNG, Carl Gustav. **A energia psíquica** (Obras completas, VIII/1). Petrópolis: Vozes, 2002a.

JUNG, Carl Gustav. A mulher na Europa. In: JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição** (Obras completas, X/3). Petrópolis: Vozes, 2013a. Parágrafo 236-275.

JUNG, Carl Gustav. O problema amoroso do estudante. In: JUNG, Carl Gustav. **Civilização em transição** (Obras completas, X/3). Petrópolis: Vozes, 2013b. Parágrafo 197-235.

JUNG, Carl Gustav. **Jung's Seminar on Nietzsche's Zarathustra**. Nova Jersey: Princeton University Press, 1997.

JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** (Obras completas, IX/1). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002b.

JUNG, Carl Gustav. A teoria do Eros. In: JUNG, Carl Gustav. **Psicologia do inconsciente** (Obras completas, VII/1). 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

JUNG, Carl Gustav. **Símbolos da Transformação** (Obras completas, V). Petrópolis: Vozes, 2016.

JUNG, Carl Gustav. **Sobre o amor**. São Paulo: Idéias & Letras, 2005.

JUNG, Carl Gustav. Culto da mulher e culto da alma. In: JUNG, Carl Gustav. **Tipos psicológicos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. P. 264-285.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**: contribuição a uma sociologia da orgia. 2 ed. São Paulo: Zouk, 2005.

MARONI, Amnérís. **Jung**: o poeta da alma. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

MONTEIRO, Dulcinéia da Mata Ribeiro (Coord.). **Jung e o cinema**: psicologia analítica através de filmes. Curitiba: Juruá, 2012.

NEUMANN, Erich. **Eros e Psiquê**: amor, alma e individuação no desenvolvimento do feminino. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

NOGUEIRA, Conceição. Feminismo e Discurso do Gênero na Psicologia Social. **Psicologia e Sociedade**: Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social, v. 13, n. 1, p. 107-128, 2001.

PARIS, Ginette. **Pagan Grace**: Dionysos, Hermes and Goddess Memory in daily life. 10 ed. Connecticut: Spring Publications, 2006.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Um estudo sobre o método de investigação da psique na obra de C. G. Jung**. 2003. 225 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15789>> Acesso em 27 ago. 2018 às 19h24m.

PERERA, Sylvia B. **Caminho para a iniciação feminina**. Coleção Amor e Psique. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

RAMOS, Denise Gimenez. **A psique do corpo**: uma compreensão simbólica da doença. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

ROBERTO, Gelson Luis. O sofrimento como condição de existência do processo criativo. In: XVIII CONGRESSO DA AJB – Criação, 2010, Curitiba. **Anais do XVIII congresso da AJB – Criação**. Disponível em <<http://www.ijpr.org.br/artigos-monografias/>> Acesso em: 23 ago. 2018 às 11h38m.

SAMUELS, Andrew. **Dicionário crítico de análise junguiana**. Edição eletrônica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

SÉRIE "Desnude" apresenta histórias eróticas inspiradas em relatos reais fornecidos por mulheres. **Gauchazh**, Porto Alegre, 04 mar. 2018. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/tv/noticia/2018/03/serie-desnude-apresenta-historias-eroticas-inspiradas-em-relatos-reais-fornecidos-por-mulheres-cjedernke006401r4po7myc2o.html>> Acesso em: 29 ago. 2018 às 15h36m.

STEIN, Robert. **Incesto e amor humano**: a traição da alma na psicoterapia. São Paulo: Paulus, 1999.

WHITMONT, Edward C. **A busca do símbolo**: conceitos básicos de Psicologia Analítica. São Paulo: Cultrix, 1969.

WHITMONT, Edward C. **Retorno da deusa**. São Paulo: Summus Editorial, 1982.

Referência filmográfica

O JANTAR exterminador. Direção: Anne Pinheiro Guimarães, Carolina Jabor. In: DESNUDE. Direção: Anne Pinheiro Guimarães, Carolina Jabor. Canal GNT: 2018. Série para televisão (episódio com duração de 17m36s), sonora, colorida.